

**João Gomes Cravinho**

Ministro da Defesa Nacional

**Intervenção do Ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho, na sessão de abertura do seminário “Promoção da Igualdade de Género na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)”**

IUM, Lisboa, 21 de outubro de 2019

Olhar para as questões de igualdade entre géneros é uma obrigação de qualquer sociedade democrática. A construção de comunidades solidárias, abertas à diferença, que entendem e valorizam essas diferenças, faz-se tanto nos pequenos, como nos grandes gestos. Faz-se na aprovação de legislação, na criação de instrumentos, processos e medidas que limitem formalmente as desigualdades entre homens e mulheres. Mas, faz-se essencialmente na mudança de mentalidades, na normalização da presença de mulheres e homens em todas as funções. Em boa parte da nossa sociedade isso já aconteceu plenamente. A Defesa não é, e não pode ser, uma exceção.

Portugal tem feito progressos importantes para garantir a igualdade formal entre homens e mulheres, mas estamos bem cientes que há um caminho, que é longo e permanente, de manutenção e progressão destes ganhos e da sua incorporação nas mentes de cada um dos nossos cidadãos.

A Defesa Nacional não é – repito –, e não pode ser, uma exceção neste processo rumo à igualdade. Só uma Defesa Nacional que seja o reflexo da sociedade que queremos, que ambicione ser um motor de progresso e de liderança, poderá ser uma fonte inspiradora para os jovens que queremos a servir nas nossas fileiras.

E nesse processo, os homens são os maiores e mais importantes agentes de mudança na abertura das Forças Armadas à presença de mulheres, em cada vez maior número e em funções cada vez mais variadas. As lideranças, na sua esmagadora maioria ainda masculinas, devem ter políticas de tolerância zero a toda e qualquer forma de discriminação de géneros. E esta discriminação é muitas vezes manifestada de forma informal, na interação que acontece nas academias, nas bases, nas estruturas.

A mentalidade de século XIX que entende que o lugar das mulheres é exclusivamente na retaguarda, em casa, no papel de mãe ou de esposa, não tem lugar em sociedades democráticas, livres e modernas como a nossa. Infelizmente essa mentalidade ainda está presente e por vezes ouvem-se vozes ultramontanas a zurzir contra um mundo que já não compreendem, mas isso pouco importa: haverá sempre quem queira regressar a séculos anteriores.

O fundamental é sabermos combater as barreiras invisíveis, profundamente enraizadas, que continuam a impedir uma jovem mulher de imaginar que pode servir nas fileiras das nossas Forças Armadas, ou de a impedir de desempenhar funções operacionais nas armas combatentes, ou de ser uma general de 4 estrelas, ou uma CEMGFA, como aliás já acontece hoje na Eslovénia, ou que possa ser o que ela bem entender e for capaz de alcançar.

É para progredir rumo a esta direção que, em linha com os esforços do governo, aprovámos este ano o Plano Setorial da Defesa para a Igualdade, para o triénio 2019-2021. Este plano apresenta um conjunto ambicioso, mas realista, de metas a atingir pelas diferentes entidades da defesa. Estamos a acompanhar a sua implementação e mantemos as questões relativas à igualdade como um eixo prioritário da nossa ação. A criação em julho passado, do Prémio da Defesa Nacional e Igualdade é mais um passo nesse rumo.

Aliás, é com grande satisfação que noto que, no contexto da CPLP, a larga maioria dos seus membros tem já em vigor planos semelhantes e que há um alinhamento de prioridades nesta matéria. Temos também avanços significativos na adoção de planos de ação para a implementação da Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

É agora necessário dar o passo seguinte e garantir a aprovação e um plano da componente da defesa da CPLP para a implementação desta Resolução estruturante de uma nova Agenda sobre Mulheres, Paz e Segurança. Estamos muito perto de o conseguir e Portugal apresentou já uma proposta que está à consideração dos nossos parceiros. Espero que em breve seja possível concluir este processo e posicionar a CPLP como um espaço progressivo, internacionalmente liderante, no que toca à implementação da Resolução 1325.

Aliás, dirigi aos meus homólogos da CPLP um convite para que reforçássemos a cooperação no domínio da formação para as operações de paz das Nações Unidas, onde, no meu entender, devemos contemplar módulos dedicados à preparação e envio de mulheres para os teatros de operação. Este contributo da CPLP para a implementação do objetivo da ONU de aumentar o número de mulheres nas suas missões de manutenção de paz é crucial. Ao longo

da década desde 2009, esta percentagem subiu apenas de 1% para 4%.<sup>1</sup> Estamos longe dos 20% ambicionados e temos um fraco entendimento das razões que explicam esta dificuldade em ter mais mulheres em missões operacionais nas Forças Nacionais Destacadas.

Esta necessidade de estudo, de acompanhamento e monitorização destas políticas exige-nos uma atenção mais detalhada aos dados que temos sobre as nossas próprias Forças Nacionais Destacadas. O estudo destas temáticas, aqui no Instituto Universitário Militar, e noutros espaços da nossa sociedade, nas nossas instituições, é o que nos permitirá identificar as melhores respostas e deixo por isso o repto para que este seja um tema prioritário.

A incorporação de mulheres nas Forças Armadas tem muitos argumentos que a sustenta. A primeira de todas será certamente uma

---

<sup>1</sup> <https://www.dcaf.ch/un-wants-deploy-more-women-peacekeeping-so-why-are-there-so-few>

questão básica de igualdade de oportunidades. Mas podemos referir também as vantagens de valorizar experiências distintas e de incluir perspetivas diferentes sobre os conflitos, sobre os processos de paz e sobre a paz e a segurança, nas nossas respostas. A integração de mais mulheres, nomeadamente em componentes operacionais é o que permitirá a criação de experiências mais profundas e mais ricas, sobre as quais se constroem os laços de camaradagem, respeito, confiança e solidariedade – o espírito de corpo – que ultrapassa todos os preconceitos. Permitindo às mulheres provarem o seu valor no campo de batalha e na liderança militar, abre-lhes o caminho para que sejam reconhecidas pelos seus camaradas e subordinados como iguais entre pares.

Tipicamente, o tipo de conflito para o qual as nossas forças armadas devem hoje estar preparadas é muito diferente daqueles que tinham linhas de frente em posições remotas das aldeias ou das cidades. Hoje em dia, conflitos acontecem em zonas altamente povoadas, onde é



fundamental estabelecer relacionamentos multifacetados com as sociedades a nível local. A presença de mulheres nas fileiras dos nossos contingentes representa um reforço significativo das nossas capacidades.

Minhas senhoras e meus senhores,

Há bons exemplos de mudança e em matéria de igualdade de género, as Forças Armadas dão já boas provas. Há plena igualdade salarial, há a aplicação da legislação relativa a direitos de parentalidade, há igualdade de oportunidades de progressão na carreira. Nas atividades do Dia da Defesa Nacional temos também integrado sempre mulheres e devemos continuar a trabalhar na adequação da nossa comunicação estratégica, tendo em conta a especificidade do recrutamento de mulheres.

Quero também referir o bom exemplo que vem das Forças Armadas Brasileiras, que recentemente viram uma das suas oficiais distinguida com o prémio Defensora Militar do Género das Nações Unidas. Aliás,

tive o gosto de estar presente em Março na Assembleia-Geral das Nações Unidas, quando esse prémio foi outorgado. A Capitã de Fragata Márcia Andrade Braga foi reconhecida “pela dedicação e os seus esforços individuais para promover os princípios da Resolução de Segurança da ONU 1325 sobre mulheres, paz e segurança”. Com o seu impulso, foi criada uma rede de conselheiros de género entre as várias unidades militares da MINUSCA na República Centro Africana e foi promovido o trabalho de equipas mistas, de homens e mulheres, para realizar patrulhas.

São bons exemplos de liderança que queremos repetir. Espero que ao longo de dia de hoje se identifiquem caminhos para que estas histórias se repitam em muitos outros cenários.

Obrigado a todos.